

# TOMETAMA: DE-SERTÃO

---

por **Tassos Lycurgo**

E-mail: TL@ufrnet.br

Website: www.lycurgo.org

## I — Introdução (ou Da Desesperança)

Entre o nada e o tudo, entre Demócrito e Parmênides, jazeu o espaço. Aqui, entre nós, ele subsiste, talvez, em termos concernentes a Berkeley ou a Malebranche: como meios de percepção de uma idéia. Não hei de trazer Platão, Aristóteles, Descartes, Spinoza, Newton, Leibniz, Kant ou Einstein à disputa; basta-me o ditame simples: espaço é onde tudo é possível. Resta, contudo, dar sentido às possibilidades. Nesse intuito é que se crava um fato no tempo: pronto, mata-se a liberdade daquele espaço e o que outrora era possível já passou a ser passado. Eis por que à sucessão dos acontecimentos engastados no espaço-tempo, dá-se o nome de memória e, à fonte alimentadora desta, de vivência.

Vivência, em um de seus sentidos — e, certamente, por metonímia —, refere-se, simplesmente, àquilo que uns e outros vivenciamos. Assim, logo se há de imputar à questão do espaço aquilo que jaz no que se vive em momento ímpar, único, singular. Tal singularidade no viver, nada obstante, é termo invulgar: se presente em nós, o enredo da vida deixa de ser só livro e torna-se cimélio. Agregar valor à trama da vida, portanto, é tarefa árdua. Das estratégias para tal, há, especialmente, a da viagem. Viajar é, nos termos em que o termo será apresentado, dar significados a novos espaços. Na viagem — adianta-se a noção — é onde se teriam o descanso e as novidades, as quais não deixariam aparecer a repetição, que não é personagem desejada na tragifarsa da vida. Tal tragifarsa, hei de dizer-to, é como uma tetralogia, cujas quatro peças são, respectivamente, o nascimento, o aprendizado até a maturidade, a velhice e, por fim, a morte. Delas, as três primeiras somam as tragédias e a última — a morte —, a grande e final sátira, que aos olhos incrédulos — e quase sempre tristes — ridiculariza e torna pequeno tudo o que ainda pulsa e está vivo.

Ei-lo, enfim, o pincho do pensamento: refletir sobre uma viagem, generalizá-la sobre as cabeças de todos os homens e, assim, vislumbrar o edifício simbólico que se alça a cada vez que se deixa o comum e corriqueiro para se ir ao encontro do desconhecido. Ora, a viagem, em termos claros e sem subterfúgios, nada é — como já quase se disse — senão o instrumento de mudança do espaço circundante, que é sempre utilizado quando não se pretende mudar o indivíduo. Havemos de notar que todo espaço circundante é ancípite: dependendo da face que apresenta, ou consome o homem ou o regurgita. A consumição não é a regra e o regurgitamento, menos severo, acontece nos momentos em que nos são impostas as reflexões que nos levam somente a lugares de onde podemos voltar e efetivamente voltamos. Alheios a tais espaços, estão os lugares sem retornanças, que jazem além da proposição sete: *“Wovon man nicht sprechen kann, darüber muß man schweigen”* — “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” — (Wittgenstein, 1994, §7).

Um esboço de antropologia concernente ao espaço há de reconhecer a importância do desconforto humano como motivador da criação de novos sentidos para o que rodeia o próprio homem. Se inda duvidas, repara no curimatã quando está de uaiú: o ar, para ele, é a proposição sete. Assim como o curimatã uaiuante, há muitas vezes homens que ultrapassam o limite, são consumidos e desaparecem. *“Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”* (Rosa, 1994, p. 409) é o ditame que pode sussurrar até

aquele que anda em camelo idoso. O imperativo de que se deve ir para nunca voltar é o sino que badaleja na cabeça e faz tremer, tiritar, toda as estruturas do ser humano. É, em resumo, o que materializa com verossimilhança inigualável o “*Nevermore*” do corvo de Poe (1985, p. 707).

Quanto ao meio pelo qual se escolhe dar novos significados ao espaço, talvez seja plausível afirmar que tal escolha não é, pelo menos em todos seus termos, fruto da razão, da concatenação do pensamento ou da reflexão elaborada. Seria, isso sim, instintiva, impulsiva, arrebatadora. De tudo, como bem asseveraria um antipirrônico, diz-se que viajar para lugares de novas semânticas parece ser meio cujo fim não é a tranqüilidade de espírito, mas sim a tormenta desejada, a almejada fuga da ataraxia. Ora, a “viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais do que um deslocamento físico. Segundo Jung, indica uma insatisfação que leva à busca e à descoberta de novos horizontes” (Chevalier & Gheerbrant, 2000, p. 952-953), mas sempre de forma que tal descoberta — e, às vezes, apenas a própria busca — pode mudar tão drasticamente o descobridor que o processo se torna sem voltas, sem retornos, sem possibilidades de arrependimentos. Mudar-se a si mesmo, em resumo, é destruir a própria desesperança.

## II — Algumas Histórias

Dei vazão prática ao projeto da viagem. Quanto ao lugar, escolhi o sertão: terra austera e robusta. Fortes são também, como pude constatar, as crenças dos sertanejos em suas histórias incríveis e, é por isso, que é o sertão um lugar incomparável: traz na fortaleza de sua terra, antes de tudo, as forças que moldam o amoralismo formador da livre personalidade do sertanejo e, em seu ar, na dúvida constante da chegada da chuva, os lampejos que modelam sua susceptibilidade. Isso já é argumento para tornar o lugar ímpar, único e inigualável.

Entre os espécimens presentes nas histórias que a mim me foram contadas, havia distintos e fantásticos personagens, como Chiquinho de Mané Santoro, o qual vinha sempre com uma conversa de que seu avô possuía há umas boas décadas um cavalo que era, de longe, mais inteligente do que todos os homens que conhecera. O interessante a notar é que, não sem algum propósito, vê-se, quiçá na esteira de Chiquinho de Mané Santoro, que há os psicanalistas que relacionam aos eqüinos caracteres concernentes aos mais sombrios caminhos do psiquismo inconsciente (Chevalier & Gheerbrant, 2000, p. 203).

Não precisou de muito tempo, antes mesmo que eu soubesse o que esboçar como espanto, um bom narrador logo engrenou outra e disse que um de seus vaqueiros, Luiz Calisto, era entre nós humanos o único que sabia de um papagaio que, por opção — subentendida a partir de uma das últimas falas da ave —, havia tentado suicídio no tanque d’água dos patos e que, além disso, demonstrou veemente aborrecimento com o fato do vaqueiro não ter se esforçado em seu salvamento. Ora, nada senão a aleivosia deve ter naquele momento preenchido o coração do psitaciforme. Seria, nesses termos, a repetição da história como farsa: outrora, Julius Cæsar, antes de morrer, sente a traição na punhalada de Marcus Brutus e diz “Et tu, Brute?” (Shakespeare, 1979, p. 1969) ou, para os que preferem o grego ao latim, “?a? s?, t?????” — Até tu, meu filho? —, e agora, ele, o papagaio, passa por semelhante perfídia — quase uma traição — e, impostando a voz ao máximo, bem poderia ter dito “até tu, Calisto?”, mas não disse.

Da arte de dizer, realmente fruem os sertanejos, posto que, de imediato, asseverou-me um que havia também, entre outros seus amigos, o Chico de Teodoro de Maninha, que embora fosse mais recatado que imodesto, não deixava de bradar após umas doses de conhaque que havia sido fonte de inspiração para um desses personagens de telenovela e, disto, não apresentava nenhuma dúvida. Em conjunto, toda aquela reminiscência só me fez crescer o desejo de conhecer de mais perto a terra dos fantasmagóricos contadores de maravilhas, de histórias que a nós nos parece tão distantes e incríveis, que nos custa acreditar que eles nelas realmente acreditem.

### III — O Nome “Pau dos Ferros”

O interessante é que depois pude eu notar que há algumas histórias que são inenarráveis, pois graças à sua natureza maravilhosamente ilógica e absurda, delas a linguagem — pelo menos em prosa — não consegue dar conta. Outras, não obstante, são dizíveis e de tal característica é que se torna mais poderoso o demônio-homem do sertão. Entre esta última estirpe, há, por exemplo, aquela que deu origem ao nome da cidade de Pau dos Ferros, no alto sertão do Rio Grande do Norte, onde se encontra a fazenda que visitaria. Segundo tal história, como contam uns e outros, há tempos imperava perto de uma lagoa no alto oeste do Rio Grande, uma árvore do tipo oiticica, cajazeira ou jucá, não bem se decidiram a história ou a invenção. Fato é que ela — exemplar farto de belo vegetal — destacava-se pelo tamanho e, conseqüentemente, pela sombra que proporcionava.

Sombra, vale dizer, é moeda de grande valor lá onde se vive sob o sol sertanejo. Por isso, era tal o lugar em que o gado, o qual era conduzido de um lado a outro do sertão, recebia alguns momentos de sossego da caminhada. Podiam, portanto, saborear um pouco das águas lacustres, sempre ao sabor das securas de seus organismos ou, principalmente, das idiossincrasias de seus vaqueiros condutores. Estes, os vaqueiros, por suas vezes e no mesmo intuito das reses, refaziam-se do cansaço, proseavam e fugiam do castigo do sol. Aqui, é bom que se lembre Guimarães Rosa, quem, com propriedade, disse que duas são as conseqüências quando vaqueiros proseiam: ou saem cabeças quebradas ou saem boas confissões. Ele está duplamente certo, mas falta-lhe o terceiro resultado, que se deu na história de Pau dos Ferros. É que lá, sempre após o descanso, movidos ou por necessidade ou pelo mesmo motor que faz as crianças escreverem os próprios nomes nas carteiras escolares, os vaqueiros aproveitavam o tronco da indefesa árvore para testar os seus ferros de marcar gado.

Não é que fosse o hábito totalmente descabido. Cascudo (1988), por exemplo, registrou uma justificativa para a referida prática de marcar a árvore. Segundo ele, os riscos quentes na oiticica tinham como função o armazenamento e a exposição da legitimidade dos ferros de gado. Não hei, ou por preguiça ou pela natureza aqui desnecessária da discussão, de entrar na disputa. O fato é que, alheios à psicologia que insistia em lhes entender os quereres, os vaqueiros acendiam uma pequena fogueira, esquentavam os ferros até tornarem-se impetuosas e brasis armas e, depois, como se fossem ímpios senhores da natureza, marcavam indelevelmente o tronco com o símbolo que haviam bois e vacas de propagar sertão adentro. Sendo assim, como contam, a prática foi se disseminando e, pouco tempo depois, não mais havia um só vaqueiro que não ousasse macular a árvore dos ferros ou, como a chamavam, o pau dos ferros.

Como é prática em alguns povos, o escopo do nome generalizou-se e, desta feita, as redondezas da árvore começaram a ser denominadas da mesma forma que o

tronco do vegetal. Pau dos Ferros tornou-se, então, não apenas a árvore, mas toda a cidade que crescia em sua proximidade. Hoje, ao que parece, destruíram a árvore inicial e, em seu lugar, há o mercado da cidade, alguns gatorros esfomeados e, em perímetro maior, a vastidão do sertão, que, assim como Pau dos Ferros, merece ter a história do seu nome abordada.

#### **IV — O Nome “Sertão”**

Quanto à origem do nome sertão, nada sabiam os vaqueiros com os quais conversei. Bem esperava tal resultado, pois tal nome, vale ainda dizer, deixou tanto Cascudo quanto Morisot indecisos e, mais que isso, irresolutos quanto à sua origem. Bem me parece ser possível, portanto, que a história do nome muito poucos a conheçam. É bem verdade que, no caso em questão, nem eu — confesso —, a história do nome “sertão”, domino-a no conhecimento ou na memória, mesmo que a imaginação possa satisfazer-me a lacuna.

É ela, a arte de imaginar, que, em grande parte, possibilitará o discorrimento a respeito da contenda, fazendo com que fique não apenas o nome de Pau dos Ferros, mas também o de Sertão, com suas devidas explicações. O fato é que pouco se sabe o que haveremos nós, humanos, de pagar à imaginação em retribuição à sua ajuda, que tanto nos é providencial na falta das outras faculdades da mente. Faculdades mentais, por suas vezes, não são rios facilmente transitáveis. Muito ao contrário, no propósito da materialização da imaginação, há de se ter algo mais que a suporte ou, ainda, um atalho para a sua realização. Tal atalho é que pode ser chamado de pirueta do argumento. Desta feita, usemos um pouco de lógica e imaginativa.

Primeiramente, havemos de olhar para o nome “sertão”, depois, identificar as suas características. De forma inevitável, vê-se, forte, ao final da palavra, um “ão” inquietador. Ora, o “ão” de sertão não parece ser semelhante ao “ão” de “acessão”, de “pão”, de “feijão”, que são parte integrante do nome; mas, ao contrário, é sabido que o “ão”, no caso de “sertão”, é sufixo nominal, que, neste contexto, significa amplificação, acréscimo, aumento. Sertão, portanto, graças ao uso de tal sufixo, deve ser aumentativo de outra palavra. Se for tal o caso, assim como “facão” é aumentativo de “faca”, “sertão” o será de “serto”. Mas, vem imediatamente a dúvida concernente ao que quer dizer a palavra “serto”. Mais que isso, somada ao quesito, aparece a constatação de que essa palavra não existe, ao que parece, em nosso vernáculo.

Antes de ser tal constatação um desestímulo, há de ser alimento para uma outra cabriola do pensamento. Vê tu que “serto”, por não existir nos dicionários, deve ser contração de outra palavra. Basta-nos agora, portanto, a simples busca das palavras em português cuja contração poderia se resumir em tal vocábulo. Vê que, até onde sei e posso me lembrar, cinco são as palavras básicas desta natureza. Ei-las, monotonamente, na ordem alfabética: asserto, conserto, deserto, diserto e, por fim, inserto. Mas, como “sertão” é nome de região — um topônimo —, havemos de ver quais das referidas palavras condizem com tal característica ou melhor a ela se adaptam.

Vê-se logo, então, que das cinco, apenas uma pode ser, pelo menos em primeiro momento, atribuída a um lugar, que é, como se pode facilmente coligir, deserto. Assim sendo, por ser apenas esta a palavra que tem na forma a possibilidade direta da adjetivação de um local, havemos de escolhê-la, privilegiá-la na contextura de nomeação de uma região. Pronto, com um quê de imaginativa e dois ou três de lógica e pressa, excluíram-se as outras quatro palavras e resolveu-se o dilema:

“sertão” vem de “deserto” e, por estar no aumentativo a palavra, aumenta-se a idéia: “sertão” é proveniente de “desertão”, grande deserto. Vale dizer que Cascudo (1988, p. 719) vislumbra tal possibilidade, embora não a delongue

À parte isso, ainda resta uma reflexão, fruto das concatenações semânticas: deserto, por definição da própria palavra — do latim *desertu* —, deveria ser o mais ermo e desabitado dos lugares. Entretanto, este me pareceria, pelo menos à primeira vista, não ser bem o caso. Com efeito, nas andanças pelos sertões rio-grandenses-do-norte — como bem muitos já me disseram —, vêem-se homens fortalecidos pelas vicissitudes típicas da vida e animais de maior porte perambulando à vontade de seus desgastados arreios ou, principalmente, de suas enormes apetências. Jumentos, vacas e ovelhas são os mais corriqueiros. Ora, a constatação da qual se fala corrói a história do nome “sertão” antes sugerida. Como pode provir de “deserto” um lugar que é habitado? Ei-la, forte como dura rocha, a pergunta que assola.

Triste fracasso, quiçá, dos que preferem a livre imaginação à cuidadosa investigação para preenchimento de lacunas. Mas, se és um desses, isto é, se foste convencido a preferir a investigação à imaginação, tenta, por meio das tuas possibilidades, pelo menos compreender o que aconteceu comigo naquelas andanças. Tal compreensão, asseguro-te, há de esclarecer o paradoxo que antes to foi apresentado, assim como, o acontecimento insólito, excepcional, que em seu tempo neste texto o narrarei.

#### **V — O Nome “Caatinga”**

Antes de me referir a tal fato, nada obstante, hei de voltar ao enredo. Caso te lembres, ainda estava a caminho do sertão e, incrivelmente, a natureza começou a se me apresentar em oposição às minhas expectativas. O problema é que o preconceito, que a uns e outros nos é sempre confortável, imprimia nas minhas expectativas a idéia de um sertão árido, sequíssimo, como tudo o que é estéril. O que eu esperava ver era o que há sugerido na etimologia de “caatinga”, palavra que nomeia a zona cuja vegetação tem o mesmo nome.

Caatinga, cuja primeira parte, “caá”, significa mato ou folha, seria, de acordo com o tupi e com as semânticas que guardamos, um mato que, de tão seco, chega mesmo a ser quase alvo. De fato, “tinga”, em tupi, é “branco”, que dá origem, por exemplo, a “Tabatinga”, topônimo que significa “barro branco”. A idéia é a de que o índio, no início, se referia à vegetação pela expressão correspondente a “mato branco” — “caatinga” —, engrenando, desta forma, um esforço figurativo de ver no que está seco o que é alvo.

Há uma outra hipótese. Para as mentes mais exigentes ou menos dadas às metáforas, pode-se sugerir que a palavra “caatinga” se origina não do tropo “mato branco”, mas sim da contração de “caatinga”, que, em tupi, é literalmente “folha seca”. De acordo com esta idéia, o índio se referia ao mato com base na forma como ele se lhe parecia: “seco”, ou seja, “tinga”. O termo “caatinga”, no lugar de “caatinga”, teria sido pacificado no lento processo em que a língua portuguesa passou a ser alimentada pelos termos em tupi. O colonizador português, por algum tipo de corruptela, passou a chamar de “caatinga” o que o índio chamava de “caatinga”. Como o primeiro termo não representa um absurdo figurativo no que diz respeito ao que representa, que é o mato seco que parece branco, o próprio índio passou a adotar a nova nomenclatura e ela se cristalizou na linguagem.

## VI — O Sertão Poético

As etimologias todos do mundo somam pouco quando os olhos vêem outro mundo. Assim foi: na viagem, vi mato verde, nem seco, sem branco. Mesmo quando ainda estava no meio do caminho, digo-te que, no âmbito das referidas etimologias é que eu esperava ver, ainda na região Seridó — espécie de sertão médio da Paraíba e do Rio Grande do Norte —, mesmo bem antes da verdadeira caatinga, a sequeidão que se me apresentaria com maior veemência a cada quilômetro rodado. O sertão, contudo, repito, estava verde... Corrijo-me: verdíssimo! A chuva, por aquelas bandas, é como um beijo na face da terra e a resposta desta, como o sorriso que se segue ao beijo. Mas, mesmo assim, ainda não me saía da mente a idéia da sequeidão sertaneja. Considerei que a referida secura não estivesse na vegetação nem no povo naquele exato momento, mas sim impresso em suas almas. Era uma questão susceptível de maiores análises.

Não as fiz, pois poesia não serve, pelo menos, para mudar a realidade quando se está com os olhos bem abertos. Voltei a atenção ao verde e, simplesmente, olhava para a paisagem viçosa, mas pensava que, graças ao tempo raro e chuvoso, o sertão se me apresentava como uma peça impressionista, onde as cores do cenário mudavam ao sabor da transformação da expressão dos humanos daqueles lugares. As suas expressões mudavam, é fato, mas havia caracteres imutáveis. Entre tais, destacava-se, robusta e indestrutível, a fé do sertanejo. Ah, a sua esperança e fé — essas sim! — podem mudar o mundo. De fato, parecem fazê-lo no que concerne aos céus. Os céus do sertão se nos apresentam enormes, misteriosos e verdadeiramente imponderáveis.

Para aqueles das cidades grandes, que estão ridiculamente acostumados com pedaços econômicos de céu — cheios de molduras —, tudo acima, no sertão, é exorbitante, exagerado. Tanto mais durante a noite — adianto-te — quando se quadruplicam, senão se reproduzem um sem-número de vezes, todas as estrelas — hipérbolas sertanejas — e mais algumas, que são invisíveis para os povos dados aos abusos das lâmpadas nos postes e das eletricidades no dia-a-dia. Ainda acerca das estrelas, há um veredicto: no sertão, vemos todas e elas a todos nos vêem. Eis o prelúdio da reciprocidade. É, em compêndio, um espetáculo fabuloso, impressionante e que emociona.

## VII — O Vaqueiro Adligeno

Na continuação da viagem, já havia passado por muitos rios e serras. Conseguira, de pouco, deixar para trás o Médio Oeste e foi isso, que me deixava ainda mais oestemente fortalecido. Por fim e ao cabo de algo como cinco horas, chegamos ao Alto Oeste: era a Fazenda Morena, nos arredores de Pau dos Ferros. Era tardinha — tardinhas são momentos adequados para se chegar a novos lugares —; e logo tratei, ainda na cancela, de perguntar a um dos trabalhadores sobre o Sr. Diógenes, dono do referido lugar.

O vaqueiro estava em sua casa, bem na entrada da fazenda, olhando-me com desconfiança. Desci do carro e, em frente à porta da casa, vi, preso em um mourão sem uso, mas feito para amarrar bicho brabo, uma plaqueta azul e gasta, na qual constava o seguinte ditame: “se *tá* chegando, Deus te abençoe. Se já *tá* indo, Deus te acompanhe.” O que é certo é que havia ali um quê de cordialidade e outro de alguma religiosidade. Esta característica, em um esforço maior que o da mensagem da

plaqueta, não deve ser entendida no sentido comum da palavra. Religiosidade, aqui, concerne ao amor tanto ao sagrado quanto ao profano; ou, em termos mais oblíquos, pode-se dizer que religiosidade traduz-se, em regra, na inviolabilidade de certos sentidos da vida, que estão presentes no sertão. Veja-se o vaqueiro Adligeno, que, sendo sertanejo, não possui um código moral que estabeleça muitas das valorações típicas do povo do litoral. Ele age assim e assim, simplesmente. Esta é sua sina e sua vitória; sua nobreza e sua desgraça; sua vida e sua morte.

No que concerne à estrutura física do vaqueiro Adligeno — e, em boa, porém arriscada, indução, à estrutura do povo do alto sertão —, pode-se dizer que ele é um exemplar original, digamos, mas não tão genuíno, pois é formado da mistura de muitas gerações dos antigos Tarairiu e Kariri, mas modificado, aqui e ali, por poucas gotas de sangue europeus e africanos. Em resumo, Adligeno tinha o corpo forte; a estatura média, senão razoavelmente elevada; a cútis avermelhada; a cabeça mais comprida que larga — aproximadamente na proporção de cinco partes contra quatro, característica dos doliocéfalos —; os olhos escuros, mas não escuríssimos; o jeito sério e, agora sim, dá-se vazão ao superlativo: seriíssimo.

Quanto à inteligência, ele a possui de forma quase instintiva — é em que, em regra, consiste o intelecto do sertanejo —; no que concerne à inibição, tem-na com veemência: começa por falar pouco com quem não conhece, de sorte que apenas com a confiança estabelecida é que passa à desenvoltura a prosa ou, mais que isso, em tal estágio, Adligeno bem que se confessa. É, portanto, neste último ponto, a personificação de um paradoxo, um homem das extremidades, do inconciliável, do contraditório... Assim, pelo menos, pareceu-me aquele sertanejo.

Mas ele, o sertanejo, quando personagem, não serve para ser gente. É, em realidade, um gigantesco demônio-homem, que agonia irresistivelmente a mente do escritor até que este concorde em escrever as histórias do sertão. De histórias, é fato, está o demônio-homem daquelas bandas repleto, pois são todos da estirpe dele, na qualidade de bons sertanejos, como bem notou Guimarães Rosa, grandes fabulistas. São também, nada obstante, sérios e resolutos: penso que acreditam em suas narrações e lendas com a força mais veemente que se pode imaginar e é isso que impressiona e fascina.

Ante à fascinação, resolvi, por fim, dirigir-me ao vaqueiro. Sendo assim, eilo, rápido e sem os sinais estranhos das sobranças do meu interlocutor, o diálogo travado:

“Boa Tarde... O Sr. Diógenes está?” — indaguei.

“Tava. Saiu *nestante*” — retrucou como se falasse para dentro, voltando, logo depois, o olhar para baixo.

“Ah, bom... Olhe, sou amigo dele... Posso entrar para esperá-lo?”

“(...)!” — comunicou-se com a garganta, nem precisou abrir a boca. No que concerne ao significado, falou “(...)” como resposta ou, pelo menos, foi assim que eu o tomei. O fato é que não soube dar maiores semânticas ao símbolo de natureza estranha e quase, de tão misterioso, indecifrável. Ele abriu a cancela e eu segui a estrada até a casa-grande de onde uns já avistavam, com ar de desconfiança, o meu rosto: parecido nos traços com os ancestrais ali conhecidos, mas ainda não familiar totalmente.

## VIII — Chegada à Casa-grande

Ao chegar lá, à casa-grande, fomos, apesar da desconfiança inicial de uns, extremamente bem recebidos. A Sra. F., esposa do Sr. Diógenes, foi-me gentilíssima e, logo após uma prosa inicial, mas cujo convencionalismo não me estimula a narrar, chegou o Seu Chico, velho vaqueiro da fazenda. Ele me cumprimentou e eu, retribuindo o gesto e no esforço da entrosagem, engatei um diálogo:

“Mas o sertão está verde... Nem sempre está assim, não é mesmo?”

“É...” — ensaiou então uma obliquidade no sorriso e prroseguiu: — “mas têm duas coisa aqui que é verde sempre.” — reprimiu o sorriso para, ao que parece, dá maior seriedade à fala.

“E quais são?” — perguntei.

“Olhe, mesmo na seca, pano de sinuca e pena de papagaio *tá* sempre verde, verde...” — atrelou então uma risada... Todos os demais, que no alpendre também se encontravam, riram... A risada do Seu Chico, apesar da sua idade, era infantil, inocente, ingênua. Ri também e, na mesma bitola, ri com a sinceridade dos pacíficos e desarmados.

Depois, pensei sobre quantas pessoas riem assim, livremente, como faz a natureza, os trovões, o sol... Não obtive a resposta... O ar, contudo, ficou meio triste após a risada. Isso não se deu por culpa dos vaqueiros, mas de minhas elucubrações reflexivas, as quais são sempre meio tristes. Foi aí que voltei a considerar a natureza e a beleza do mundo, assim como se estivesse lendo *A Arte de Ser Feliz* de Cecília Meireles, só que não no papel, mas na realidade, nas plantas, no vento Nordeste, que havia como que um relógio não tão pontual, de chegar no intervalo daquele par de horas. É impressionante como nos é forte os movimentos da terra onde se enterraram nossos ancestrais. É como se a matéria inerte e decomposta deles se tornasse os efeitos do solo: suas plantas e cheiros. Estes, ao alcançarem nossas percepções, emocionam-nos como se estivéssemos tendo com os velhos avós, bisavós e outros mais, que choram por nós, a cada manhã, mesmo na seca, nos orvalhos das oiticicas.

### **IX — Os Orvalhos do Sertão**

Os orvalhos do sertão são, de fato, as lágrimas da natureza. Eles, contudo, não nascem de sua tristeza, como às vezes nascem das dos homens o pranto consolador; mas, ao contrário, o orvalho do serão é choro de alegria que, em uma acepção mitológica, promove o mundo ao se personificar na deusa Aurora. Explico: na guerra de Tróia — de acordo com o *Etiopida*, com as *Ilias Parua* e, principalmente, com o poema *Pólemoz* de Hyogrucylos —, o filho da deusa Aurora com Titono, chamado Mémnon, matou Antíloco, filho da deusa Tétis. Antíloco, que entrara na batalha para salvar a vida do pai, Nestor, poderia ter, no futuro, a morte vingada... Não foi o que passou pelas noções de Mémnon naquele momento; sentiu-se — pode-se até dizer — não menos seguro que feliz: havia, enfim, matado o inimigo.

É fato que há os que, como Mémnon, pensam que a morte inibe a vingança do defunto, que desacreditam em quaisquer represálias de cadáveres, que gritam que os corpos inertes não causam mais problemas. É bem verdade que *mortui non mordent* — os mortos não mordem —, mas, por outro lado, outros podem morder em nome deles. Eis o que pode haver de mais sincero no homem: a manutenção da fidelidade e amizade a outro mesmo depois da morte deste. Nada mais sincero do que ser fiel a um morto. Informo-te, prezado amante das mitologias, que foi o que aconteceu. A morte de Antíloco despertou em seu fiel amigo, Aquiles, a vontade de vingança; haveria de acabar com aquele que destruiu a vida do amigo; o projeto, enfim, foi levado adiante. Aquiles encontra Mémnon no campo de batalha e assim se

dá o confronto entre os filhos de deusas. Elas, as mitológicas deusas Tétis e Aurora, em desespero, vão a Zeus, no intuito preservar a vida dos filhos. Triste façanha de todos os acasos: neste interim, Aquiles vence a luta; Mémnon está morto... Morto como a metafísica; morto como uma pedra; morto, enfim, como Antíloco.

Ah, triste Aurora... O filho, que era vida e amor, agora queria apenas se putrefazer... *Mater dolorosa* — mãe que sofre —, que desanima, entristece-se, mas não desiste. A esperança de uma mãe é o que há de mais forte no mundo. Aurora haveria de fazer algo. Ela reúne em um só pacote todas as esperanças maternas e vai implorar a Zeus pelo filho já morto. Ele, Zeus, quem segundo a mitologia grega — que senão míope, por certo estrábica o é em assuntos divinos: vê vários deuses — é o mestre absoluto dos deuses, do mundo e dos homens, resolve pesar as almas e os destinos dos que há pouco combatiam. Aurora vê, quase que imperceptivelmente, um quê de brilho nos olhos de Zeus. Há esperança! É o que não deixava de pensar. Mantinha-se ansiosa...

Zeus, enfim, conclui que a alma de Mémnon é mais valiosa... Haveria, portanto, de fazer algo pelo filho de Aurora. De fato, fê-lo: prometeu à deusa a imortalidade do seu filho. Aurora transborda-se e, de tanta alegria, quase não cabe mais em si. Seu filho reviverá. Sai, desta feita, em busca do cadáver de Mémnon e, ao chorar de emoção durante o caminho, suas lágrimas caem no campo e se tornam os orvalhos que se vêem nas oiticicas do sertão, pelas manhãs. É isso! O orvalho, que passa por tantos de maneira tão despercebida, tem uma grande história, mesmo que fictícia. Ele é formado pelas lágrimas de Aurora que são quotidianamente derramadas nas plantas do sertão. Assim não deixaria de ser após aquela noite, na manhã seguinte, quando vaqueiros acordariam uns e outros para o leite no curral. Ainda era tardinha, contudo, quase noite, restava apenas esperar a passagem das trevas, para que fosse obtido o aurorescer do dia, da vida.

### **X — “uma, duas, três...”**

Tendo em mente o avançado das horas vespertinas, o sol já se preparava para dar lugar à lua, assim como minha vigília fazia em relação ao sono... Não era bem sono, mas cansaço e emoção. Tentei não mais demonstrar as fraquezas nobres da alma e, logo depois de confortante banho, farto lanche — ou merenda, como é o termo que lá mais freqüentemente usam — e outra prosa mais delongada com a Sra. F., fui descansar em uma rede na varanda. De lá, vi algumas aves apressadas com os efeitos do crepúsculo, umas nuvens que tinham formas de grandes personalidades sertanejas e, o que me fez vivenciar a situação inusitada a que antes me referi, as ovelhas caminhando no pasto... Ainda sem saber pelo o que passaria, apenas considerei a quantidade do gado ovelhum e conclui: muitas eram elas.

Sem bem saber precisar o número exato, todavia, comecei a estimar a quantidade. Ora, decidi que, apesar do sono e ainda da rede, por regozijo, lembrando-me do que, no propósito de dormir, fazia imaginativamente na infância: iria mentalmente contá-las... — “uma, duas, três...” — Fiquei contando as ovelhas...

### **XI — O Fato Inusitado**

Após algum tempo, fui ter com os bichos no pasto. Notei, logo ao chegar lá, que elas, curiosamente, andam juntas, de forma que em vez de quererem individuais, parece ter uma só vontade todo o rebanho. Mais que isso, à medida que ia a reflexão se aprofundando, meu espanto aumentava e inúmeras assertivas, alheias às minhas

intenções, formavam-se em minha mente. Elas, as proposições, gritavam: — “os homens são como as ovelhas! Eles vivem em grupo e igualmente vivem em grupo os bichos. Rebanhos há tanto de homens quanto de ovinos...” À frente de tal constatação me estabelecer o desatino ou o desvario, trouxe-me à imaginação inúmeras histórias e, com elas, um quesito: o que faz os autores escreverem sobre as tramas humanas e não sobre as de malhada? A questão me martelou o recheio de crânio por um par de minutos... Depois, considerei: ora, tal pergunta não é de todo absurda. Analisemos: ambos, homens e ovelhas, vivem nos sertões... Ambos nascem, sofrem, relacionam-se... Ovelhas, diferentemente de borboletas, andam em linha reta, como humanos, ou, pelo menos, referindo-se a Machado de Assis, como ordeiros militares...

Voltei, enfim, à mesma questão e, embora, a esta altura, ela já se me apresentasse legítima, sua resposta me era ainda estranha. Já ia, no surto do fracasso dos respondedores — muito triste e irreparável é tal fracasso —, considerar a pergunta irresponsável, quase uma aporia, quando me aconteceu o inesperado. A ovelha mais velha do rebanho, animal já estéril, uma badana, a mais sábia do grupo, olhou para mim e, com uma feição que era um misto do indecifrável com um quê da expressão de Münch, falou como se houvesse vislumbrado a questão que me cambaleava o cérebro. Tens aqui, com os votos da serenidade, as suas palavras: “Por que me ignoras autor? Sou digna das tuas verdades e mentiras. Escreve sobre este animal estéril! Dá-me uma história, uma sucessão, já que não posso ter filhos!” — Veio-me primeiro o susto, o sobressalto, o espanto... Daí, o medo, o receio, o pavor... Ovelhas falam! Mais que isso, pensam, concatenam idéias! Ovelhas parecem saber o que refletimos!

Em resumo, todas as exclamações confundiam-se com interrogações. Depois de alguns minutos, o espanto se foi diminuindo e, embora com os olhos ainda arregalados, comecei a pensar na pergunta. Comecei a refletir sobre ela. Assombrei a própria consciência com a falta de diferença entre homens e ovelhas. Como um parco defensor da humanidade, mas ainda em um antropoteísmo absoluto, endeusei-me a mim mesmo e ao ser humano. Por fim, com o agregado de vingança e contradição de todos os homens que agem como pseudodeuses, respondi à badana, à ovelha inquiridora: “Que animal insolente e ingrata! À frente de pedires para escrever sobre ti, devias agradecer-me por não fazê-lo. Ovelha, os escritores não escrevem sobre ti porque te consideram e também as demais ovelhas moralmente superiores aos humanos. Será que não vês?! Tu és bicho, concordo, mas és bicho de muita sinceridade! Tu não és dada à dissimulação...” — eis uma idéia de primeira ordem!

A ovelha não me pareceu satisfeita com a resposta, foi aí que continuei o argumento: — “Por não dissimulares, velha badana, é que os autores te abandonam — assim como aos teus — aos famigerados e agráficos vermes. Mais que isso, enquanto os vermes se sustentam da parte rubra do teu corpo, os escritores continuam com os astuciosos, fingidos, hipócritas e dissimulados bípedes, pois destes encontram o teatro na rua... Daqueles, tu, badana, e outras ovelhas, só há sinceridade... E, antes de achar o argumento um contra-senso, dize-me para que serve a lhaneza para teatristas e escritores? Se pensas, ovelha, que se faz literatura da lisura e da franqueza, digo-te, que não me cultives raiva: és ingênuo. O fingimento da humanidade é o regozijo, o arroubamento, o júbilo dos escritores. E se tu preferes mais religiosidade e menos masculinidade nos substantivos, repisemos: a hipocrisia das pessoas é a aleluia dos autores.” — Senti-me tristíssimo. Havia, por força da honestidade, entendido por fim a mesquinhez humana... Continuei o que falava, mas, se é bem que me lembro, diminuí o timbre da voz.

“Não que sejam os autores, ou que desejem sê-lo, uns diascevistas de tão dissimulada peça de teatrelho, contudo são, de bom grado, atentos teatrístas. Desta feita, como ignorar os apartes silenciosos dos inúmeros personagens da vida? Ora, os multicoloridos arlequins de cada esquina são como os olhos dos homens, revelam certa verdade aos que os entendem e calam-se no mutismo jocoso das bufonarias para os que, por imaturidade, só escutam o produto do nefasto misto de boca e língua. É no escopo desta concepção que escritores procuram histórias sobre dissimulados bípedes e desprezam-te e a tua sinceríssima espécie. Ademais, ilustríssima ovelha, informo-te que caso se sintam ofendidos os homens por serem conceituados enquanto simples bípedes, ou, caso tenham projeto de andar também com as mãos, mudo a nomenclatura, reformulo-a, transporto-os e também ao resto da humanidade à época dos verdadeiros esquilianos. Desta feita, onde tu, ovelha, escutaste ‘dissimulados bípedes’, escuta agora ‘dissimulados *dramatis personae* da vida’, mas não me peças para alterar a adjetivação, pois de ausência de caracteres bipedais não se colige privação de dissimulação. Astúcia, fingimento, hipocrisia, são, ao que parece, o que há de inegociável no bicho humano.” — Foi meu desabafo final e, juntamente com isso, foi que promovi em todo o curso da vida o meu primeiro diálogo com um ovino... Que espanto inquietador!

Alheia à minha inquietação, contudo, a ovelha se calou — digo ainda —, quase chorou e olhou-me fixamente, com pena... Não que eu notasse lágrimas em seus olhos; notei apenas a ausência de um olhar corriqueiro; tinha naquele momento olhos profundos como as cacimbas secas e é aí que seres graves choram. Mas não tinha raiva, teve pena dos homens — de todos eles — e não mais quis fazer parte de suas histórias... Preferiu a anonimidade ao papel trágico, quiçá fosse uma boa escolha; não continuei o julgamento. O fato é que, quando menos esperava, quando o crepúsculo do fim de tardinha já havia ido e o lusco-fusco dera definitivamente lugar à noite, o bicho se foi como veio, de improviso, assim como vêm e se vão as boas idéias no meio da noite.

## **XII — Conclusão (ou Da Esperança)**

Só bem sei que acordei pela manhã com o sol que esquentava a face e a rede onde lá eu estava. O Sr. Diógenes, com a alegria que lhe era peculiar, já me vinha sorrindo e dizendo que de tanto eu dormir, ele já pensava que eu tinha morrido. Era afeito às pândegas. Cumprimentei-o e, quando me dei conta das concatenações, ainda me lembrava, vagamente, da idéia de contar ovelhas... Daí, voltei a olhar para o pasto, elas estavam lá, tranqüilas e felizes com seu comportamento de rebanho. Não pude identificar mais a velha badana nem fiz, naquele momento, mais analogias com os homens; a fome não dava lugar às reflexões. Entre fome e reflexão, o organismo não tem dúvidas: elege a primeira. Fui, pois, sem maiores elucubrações, ao café da manhã.

Enquanto me sentava à mesa, o Sr. Diógenes logo me perguntava se eu queria conhecer parte da Fazenda Morena a cavalo... “Sabes cavalgar, ó homem?” — Perguntou-me em tom de brincadeira, imprimindo um sotaque aporuguesado. “Como um Marquês de Marialva” — Respondi-lhe. O Dr. Diógenes, então, dirigindo-se a um vaqueiro que por lá se encontrava, mandou selar os cavalos. O cavalo no qual fiquei cavalgando chamava-se Caraça. A razão para tal nome, fiquei depois sabendo, ao animal não bem lhe era primeiramente atribuída, mas ao seu pai — equino de uma carantonha enorme —, que tinha em toda a extensão das orelhas ao focinho, uma mancha branca e uniforme, a qual, em oposição ao marrom avermelhado do resto do corpo, veementizava a brancura do semblante de bom animal. O filhote, contudo, deu

bicho um pouco diferente no aspecto físico, mas manteve mesmo apelido e predisposição às cavalgadas.

“Caraça é dos melhores cavalos daqui. Passa logo do andar ao galope, poupando assim os vários inconvenientes do trote.” — Assegurou-me o Sr. Diógenes. De toda sorte, eis uma idiossincrasia do meu cavalo: era um animal de extremos. Voltamos ao café da manhã e, enquanto comia a boa — mas um pouco gordurosa — comida do sertão, pensava na história das ovelhas, mas dela nada falaria nem para o Sr. Diógenes nem para sua esposa durante o resto de minha estada, até o final daquela semana. Logo após, entre uma tapioca e outra, considereei que, passados os dias de férias, voltaria a Natal e, lá, encontraria uns velhos amigos quando, fatalmente, contaria toda a reflexão sobre a história. Logo então entendi que, ironicamente, quanto mais eu para eles falasse, voltar-se-me-ia mais e mais ao cérebro a idéia do sertão como contração de deserto, pois minha voz para os ouvintes humanos, diferentemente do que parecia ter acontecido com a ovelha, seria como *vox clamantis in deserto* — voz que clama no deserto, no vazio —; pensei então: o sertão não é o grande deserto físico, espacial, mas é o da constatação da vacuidade humana. O homem é o espaço vazio. O homem é o sertão.

Não que seja apenas, na essência, a maioria dos sertanejos desta estirpe, mas o é a maioria de toda a raça de homens, pois é na mente dos espécimens humanos que existe o grande deserto onde ecoam as vozes e, mesmo que lá possa se configurar uma nobre polifonia, o mutismo das frivolidades é que parece ser a regra. Devo, pois, ao sertão e ao misterioso episódio com as ovelhas — e a isto lhe sou grato de forma incomensurável —, a possibilidade do desentenebrecimento de tal idéia; e, juntamente com o sentido de seu nome, ofereço a grande e irônica homenagem à tragédia do projeto humano de tornar-se superior a tudo que é rebanho. Aqui jaz o veemente fracasso da humanidade ímpar, que há de olhar ao seu redor e gritar: ei-lo, inevitável, o homem-menos-que-ovelha. Mas, no grito, ao que parece, ainda resta alguma esperança... Foi quando meu pensamento foi interrompido pela voz do vaqueiro Adlígeno, que disse: “é o que veremos!” O fato é que o ar risonho — mas nunca burlesco —, característico de canto de boca, do vaqueiro Adlígeno, tirou-me do estado pensativo e parecia responder à minha súplica de muita fé e, principalmente, confiança.

## XII — Referências Bibliográficas

- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 15 ed. Trad. por Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- POE, Edgar Allan. “The Raven”. In: \_\_\_\_\_. *Works of Edgar Allan Poe*. New York: Gramercy Books, 1985, p. 707-710.
- ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: \_\_\_\_\_. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, 2 v, p. 409-413.
- SHAKESPEARE, W. “Julius Cæsar”. In: Howard Staunton (ed.). *The Globe illustrated Shakespeare: the complete works annotated*. New York: Gramercy Books, 1979, p. 1935-1984.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 2 ed. Trad. por Luiz H. Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1994. [Edição bilíngüe: alemão e português]